

Estágio na ACEC: uma experiência docente

Tuilla Cláudia Feitosa Ferreira
Universidade Federal do Ceará
tuillaclaudia@gmail.com

Resumo: O presente artigo é um relato de experiência do ensino de música, especificamente do ensino de violão básico para deficientes visuais, que visa compartilhar a metodologia criada e as reflexões formuladas acerca do que foi vivenciado durante o período de oito meses, entre 2013.2 e 2014.1 O trabalho foi desenvolvido na Associação dos Cegos do Estado do Ceará, em parceria com a disciplina de Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará (ICA/UFC). O desenvolvimento das atividades aqui relatadas foi gradualmente construído a partir do processo de aprendizagem do grupo de alunos beneficiados nas atividades, e das reflexões feitas pelos estagiários envolvidos.

Palavras chave: Educação Musical. Violão. Deficiência visual.

Introdução

Na dimensão da inclusão social, o modelo de escola ideal seria aquela em que as diferenças individuais não são ignoradas ou eliminadas, mas são fundamentais para o enriquecimento das práticas pedagógicas. As artes possuem um papel fundamental nessa inclusão de pessoas com deficiência. Pressupõe-se que as pessoas com deficiências tenham direito a uma formação artística de qualidade, de modo a ter acesso aos códigos das diversas linguagens artísticas. O ensino de música para deficientes visuais é ainda um assunto a ser ampliado, visto que as pessoas com deficiências que têm interesse em estudar esta linguagem artística encontram sérias dificuldades de acesso e, geralmente, não encontram profissionais capacitados para ensinar-lhes música de maneira adequada.

No campo da educação musical existe uma concepção estereotipada de que o cego seria considerado extraordinariamente apto a aprender música, pois teria dons musicais por não conseguir enxergar, porém ele também seria considerado incapaz de ler ou de compreender uma partitura. Isso tudo dificulta a prática pedagógica, pois impede que o professor se relacione de maneira natural com a deficiência do aluno, antecipando limitações que o aluno possa não vir a ter. Nesse sentido, partilho da ideia de que “O sucesso de um músico cego há de ser atribuído ao talento e esforço individuais, à competência dos mestres, à

eficácia do método empregado - nunca à cegueira em si mesma.” (GANZAROLI, 2002, *apud* BONILHA e CARRASCO, 2007 pag. 2)

Para Bonilha e Carrasco (2007) os artistas deficientes devem ser reconhecidos e legitimados pela qualidade dos seus trabalhos e não em função de suas deficiências. Desse modo, o talento de um músico com deficiência visual não se relaciona à sua cegueira, mas sim à qualidade de seu empenho e dedicação aos estudos musicais.

O ensino de música para deficiências visuais encontra-se vinculado à Musicografia Braille, pois se compreende que o aprendizado desta seria primordial para que o aluno criasse uma independência na assimilação do repertório. A Musicografia Braille é uma área do estudo da música que está focada em promover o acesso de pessoas cegas ou com deficiência visual ao material musical em alto relevo, através do sistema de grafia braille. O Sistema Braille e a Musicografia tátil foram criados pelo francês Louis Braille¹ que aplicou ao campo da música o sistema de representação tátil baseado em cela ou cédula Braille. Existem 63 símbolos em Braille, que sinalizam letras, números, sinais musicais etc.

Com o aprendizado dos códigos da Musicografia Braille os alunos cegos, assim como os videntes, seriam capazes de ler e escrever partituras.

Essa autonomia possibilita que essa população frequente espaços de formação musical, comum a todas as pessoas, o que encontra em consonância com os pressupostos da educação inclusiva. Em outras palavras, o acesso à Musicografia Braille se torna um elemento imprescindível para a inclusão dos alunos com deficiência visual em escolas de músicas regulares. (BONILHA, 2006, p.04).

A partir da disciplina de Estágio Supervisionado², sob a supervisão da professora mestra Catherine Furtado dos Santos, tive a oportunidade de estagiar na Associação de Cegos do Estado do Ceará (ACEC) e vivenciar o desafio de musicalizar deficientes visuais através do ensino do violão.

Conforme posto em parágrafos anteriores, a Musicografia Braille seria a metodologia ideal para incluir o deficiente visual no ensino de música, porém meus conhecimentos sobre a Musicografia Braille eram mínimos e percebi que nenhum de meus alunos conhecia os códigos da linguagem musical em braille, inclusive observei que alguns ainda estavam

¹ Louis Braille foi o criador do sistema de leitura para cegos que recebeu seu nome, *braille*.

² Disciplina do conteúdo curricular obrigatório do Curso de Música da UFC.

aprendendo a ler o braille. Então como ensinar música para alunos cegos, especificamente o violão, sem utilizar a Musicografia Braille?

No presente trabalho procuro responder essa questão e relatar as experiências que tive com os alunos da ACEC buscando também analisar as dificuldades metodológicas no processo de aprendizagem dos alunos referente ao instrumento em questão.

Descrição do Processo

Fundada em 09 de novembro de 1985, localizada no Bairro Farias Brito em Fortaleza – CE, a Associação de Cegos do Estado do Ceará (ACEC) possui uma escola, então nessa associação convivem os alunos da escola, os associados e a comunidade ao redor. Ela tem o objetivo de proporcionar aos que têm limitação visual o desenvolvimento do seu potencial, torná-los produtivos e conhecedores de seus direitos e deveres, inserindo-se em igualdade de condições na vida social e laboral. A escola oferece vários serviços, programas e projetos como: educação formal (Educação de Jovens e Adultos- EJA); atividades extracurriculares (culturais, desportivas e recreativas); formação para o mundo do trabalho (massoterapia, operador de câmera escura, informática específica, auxiliar administrativo e revisor de Braille); além de encaminhamento a serviços médicos oftalmológicos, atendimento em atividades práticas do cotidiano (APC), Serviço de Orientação e Mobilidade (OM) e cursos de formação para educadores. A parceria entre a escola e a UFC, junto ao Estágio Supervisionado do curso de Música (ICA/UFC), é uma das mais antigas, sendo uma das escolas que exige muito dos estagiários pelo fato de ter que trabalhar com alunos deficientes visuais.

A partir da observação da estrutura da escola e das atividades que lá aconteciam, foi possível analisar as possibilidades de trabalho. O horário disponibilizado pela coordenação foi às segundas-feiras, no contra turno das 17h às 17h30. Por conta do tempo reduzido, a equipe do Estágio Supervisionado decidiu oferecer oficinas de instrumentos (violão e teclado) para os alunos interessados. Além disso, foi proposta uma atividade de musicalização para todos da escola, que aconteceriam antes das oficinas (no horário das 16h30), assim todos poderiam ter o contato com o fazer musical. Essas atividades foram propostas também partindo da ideia posta por Bertevelli:

Reconhecimento do local a ser trabalhado, incluindo o trajeto até a sala de música, formando assim um mapa mental dessa área a ser utilizada [...]. O reconhecimento da própria sala, sua dimensão, distância entre os móveis, espaço físico, materiais, objetos, instrumentos musicais etc. (BERTEVELLI, 2010, pág. 207).

No início os alunos procuravam bastante pela oficina, muitos se inscreviam, porém nem todos compareciam. Havia oito alunos inscritos, dentre eles pessoas cegas, videntes e com visão reduzida, de uma faixa de idade bastante diversificada, alguns bem mais jovens (entre 14 e 18 anos) e outros um pouco mais velhos (entre 40 e 50 anos), como é possível visualizar na figura abaixo.

FIGURA 1 – Turma da Oficina de Violão.



Fonte: Arquivo particular.

Nas primeiras aulas o desafio era “como ensinar violão para alunos videntes, deficientes visuais e com meia visão”. Iniciei fazendo algumas perguntas aos alunos para conhecer um pouco de cada um: “Qual o seu interesse na Oficina?”; “Por que o violão e não o teclado?”. Depois introduzi um pouco sobre a história do violão, como ele chegou a ter o formato que tem hoje. Levei miniaturas de papelão de uma viola, de um alaúde e de um violão, para que eles pudessem sentir e perceber o formato de cada um. Posteriormente apresentei o instrumento (as partes do instrumento, as cordas, a afinação etc.), sempre fazendo com que os alunos sentissem o instrumento para que, desta forma, eles pudessem se acostumar com ele e identificar cada parte somente com o toque. Durante esse processo os

alunos pareciam bastante interessados, alguns com maiores dificuldades do que outros. Posteriormente, foram propostos exercícios de independência dos dedos, tanto da mão direita como da esquerda, para que eles fossem adquirindo técnica. Nesse primeiro momento, tudo o que foi proposto se baseava no toque e no som, pois como afirma Bertevelli (2010, p.303):

Na educação de cegos temos que privilegiar os aspectos auditivos, táteis e cenestésicos dentro de vivências concretas. Com crianças na idade pré-escolar, deve haver um trabalho de estimulação precoce, no sentido de ampliar sua capacidade multissensorial. A audição e o tato possuem grande importância nas elaborações mentais dos cegos, aliadas às explicações verbais contextualizadas; assim o aprendizado é efetivo e com significado.

Observei que a maioria dos alunos não sabia segurar corretamente o instrumento; a forma como cada um segurava o violão e tentava localizar no braço deste as casas e cordas era como se estivesse descobrindo um novo mundo, tornando assim um aspecto interessante de se observar. Pude perceber também a dificuldade de tocar em conjunto. Mesmo quando todos estavam aprendendo a mesma melodia, existia a dificuldade de fazer com que eles se escutassem uns aos outros e tocassem juntos no andamento proposto.

Metodologia

Mesmos com os alunos videntes procurei sempre enfatizar o som e o toque. Porém existia a necessidade do aluno entender a “matemática” do braço do instrumento, para além da repetição do som. A partir da pergunta central, sobre como ensinar violão, surgiu em um dos processos o desafio de ensinar a melodia de uma canção e a posição dos acordes para alunos cegos.

Como resposta metodológica, utilizei a cifragem numérica para que todos pudessem se familiarizar com o instrumento e encontrassem a nota que eles deveriam tocar. A cifragem numérica é uma simbologia escrita em números que representam as notas musicais no braço do violão ou guitarra, notas a serem tocadas sucessivamente, geralmente usadas para solos instrumentais. Ela define a posição que a nota deve ser tocada no braço do violão, porém não define a duração da nota. Na cifragem numérica as cordas soltas do violão são representadas por um número de 1 a 6.

Tabela 1: Cifragem Numérica. Cordas do Violão.

NÚMERO	CORDAS	NOTA
1	1ª CORDA – MI AGUDO	MI
2	2ª CORDA	SI
3	3ª CORDA	SOL
4	4ª CORDA	RÉ
5	5ª CORDA	LÁ
6	6ª CORDA - MI GRAVE	MI

Fonte: www.dirsom.com

Os trastes (ou casas do violão) também recebem um número da esquerda para a direita, iniciando sempre com o número zero para cordas soltas, um para a primeira casa, dois para a segunda casa, três para a terceira casa e assim sucessivamente. Assim todas as cordas de 1 a 6 recebem a numeração das casas do braço do violão usadas (presas). Como por exemplo: o número 12. O primeiro número (1) é a primeira corda do violão (mi agudo – corda solta). O segundo número (2) é a casa do braço do violão – 2ª casa. Portanto, apertando a 2ª casa da 1ª corda do violão terei o número 12 (nota fá#).

Tabela 2: Cifragem Numérica. Braço do Violão.

Número	Cordas	Notas
0	Corda Solta	MI
1	1º Casa- Traste	FÁ
2	2º Casa- Traste	FÁ#
3	3º Casa- Traste	SOL
4	4º Casa- Traste	SOL#
5	5º Casa- Traste	LÁ
6	6º Casa- Traste	LÁ#
7	7º Casa- Traste	SI
8	8º Casa- Traste	DÓ
9	9º Casa- Traste	DÓ#
10	10º Casa- Traste	RÉ
11	11º Casa- Traste	RÉ#

12	12° Casa- Traste	MI
----	------------------	----

Fonte: www.dirsom.com

Com a cifragem numérica trabalhei duas músicas, “Eu quero um xodó” do compositor Dominginhos, e a Nona Sinfonia de L. van Beethoven. Posteriormente utilizamos áudios gravados de cada música trabalhada. Assim, os alunos, além de memorizar os números da cifragem numérica, memorizariam a melodia que deveriam tocar.

FIGURA 2 – Braço do Violão com cifragem numérica = 12.



Fonte: www.dirsom.com

Resultados

A cifragem numérica tornou o processo mais rápido e menos trabalhoso, pois todos entenderam como funcionava a numeração e logo identificavam qual era a corda e em que casa se localizava a nota que deveria ser tocada.

Após os alunos aprenderem o que seria a cifragem numérica, se depararam com dificuldade de memorizar as numerações. Os alunos entendiam as numerações e tocavam as melodias, porém quando a música era um pouco mais extensa, mesmo com o apoio dos áudios, a memorização dela era mais lenta.

Os alunos conseguiam memorizar uma parte da sequência, porém no próximo encontro eles já haviam esquecido a sequência anterior. Com isso surgiam mais questionamentos: “será que é por falta de técnica?”; “será que o tempo de oficina era reduzido?”; “como poderíamos resolver isso?”. Tais perguntas poderão ser esclarecidas em outros trabalhos que se tratem sobre essas reflexões.

A maneira encontrada nessa experiência de estágio, após uma conversa com os alunos, foi a de escrever em braille a sequência numérica da melodia estudada, para que eles pudessem levar para casa e memorizar a partir da repetição. Mesmo com algumas dificuldades os alunos responderam bem a essa metodologia. Assim, cada aula é um desafio e um aprendizado, pois é preciso responder na prática as perguntas que surgem durante a preparação e no decorrer da aula. O processo de aprendizagem da 9ª Sinfonia foi mais demorado, pois o arranjo era composto por três vozes tocadas por três violões. A turma foi dividida em três grupos: os que tinham mais facilidade aprenderiam a melodia e os outros escolhiam qual a voz que queriam aprender. Essa divisão era apenas para facilitar o trabalho e não para criar uma hierarquia entre os alunos. Para que eles tocassem juntos, era feita uma contagem sonora para que começassem a entender o andamento da música e o tempo de cada nota. Ao fim do semestre os alunos da oficina já estavam tocando a primeira parte da 9ª Sinfonia.

FIGURA 3 – Parte da partitura utilizada pelos estagiários da UFC na oficina de Violão.

9º sinfonia de Beethoven

Tuilla Claudia
Turma de Violão ACEC

The musical score consists of three staves, each labeled 'Guitar 1', 'Guitar 2', and 'Guitar 3'. All staves are in the treble clef with a key signature of one sharp (F#).
 - **Guitar 1:** Contains a melodic line with notes on the 10th, 11th, 13th, 13th, 11th, 10th, 23rd, 21st, 21st, 23rd, 10th, 10th, 23rd, and 23rd frets.
 - **Guitar 2:** Contains a bass line with notes on the 30th, 43rd, 42nd, 40th, 30th, 42nd, 43rd, 30th, and 30th frets.
 - **Guitar 3:** Contains a bass line with notes on the 53rd, 52nd, 63rd, and 52nd frets.

Fonte: Arquivo particular

Considerações Finais

A inclusão musical do deficiente visual é um trabalho que exige bastante dedicação, tanto do aluno como do professor. Essa dedicação se dá pelo fato de ainda não termos o conhecimento mais aprofundado da Musicografia Braille e de metodologias que sejam adequadas ao deficiente visual. Segundo Bonilha (2006), a inclusão musical pressupõe a remoção de diversas barreiras no âmbito da Educação Musical, sobretudo no que se refere aos métodos ou estratégias pedagógicas utilizadas e à forma de avaliação do ensino-aprendizagem.

O trabalho desenvolvido por mim na ACEC terá continuidade a partir de novos estagiários. É importante que todo o meu processo de intervenção, para responder às questões que surgiam durante o trabalho, e de construção da metodologia aplicada na oficina seja compartilhado com esses novos estagiários, para que eles possam continuar com o fazer musical, buscando responder outras perguntas que ainda possam surgir no processo de aprendizagem docente de cada um. Nesse sentido, partilho da ideia de que

A formação do professor não se esgota apenas no domínio da linguagem musical, sendo indispensável uma perspectiva pedagógica que o prepare para compreender a especificidade de cada contexto educativo e lhe dê recursos para a sua atuação docente e para a construção de alternativas metodológicas. (LIMA, 2010, p.49).

Durante o estágio supervisionado, tive a oportunidade de ampliar os meus conhecimentos como futura docente e ampliar as possibilidades de metodologias a serem aplicadas. A primeira experiência como docente pode ser “assustadora”, sobretudo quando a escola se mostra inflexível e os seus conhecimentos são postos a prova. Tudo pode ser desesperador, por exemplo, a falta de experiência didática com alunos cegos e o processo que inicialmente é lento. Durante a minha trajetória como estagiária percebi que, com uma postura responsável e sem perder a vontade de aprender com a prática, a experiência que o estágio propõe se torna rica em muitos aspectos – humanos, acadêmicos e principalmente musicais –, assim como foi a minha experiência como docente na ACEC.

Referências

- BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa. **Leitura musical na ponta dos dedos: caminhos e desafios do ensino de musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores.** Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- BONILHA, F.F.G; CARRASCO, Claudiney. Ensino de Musicografia Braille: um caminho para a educação musical inclusiva. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPPOM, 2007.
- BETEVELLI, Isabel C. D. Estratégias metodológicas utilizadas na Educação Musical de cegos a partir da abordagem Orff-Scheulwerk. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v.2, n. 4, jul./dez. 2010.
- LIMA, Alien Rosa Balog de. **Metodologia da educação musical:** Fazendo da docência uma arte. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2010.
- OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. **Do Essencial Invisível:** arte e beleza entre os cegos. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- SOARES, L. Música e deficiência: propostas pedagógicas para uma prática inclusiva. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol.12, n.3, p.453-454, dez. 2006.